CATAVENTO[81]

SÍMBOLO DO II SEMINÁRIO DO LIVRO DIDÁTICO

Desenho do Catavento utilizado como símbolo do II Seminário

[81] Desenho de Vanderléa Andrade.

II Seminário do Livro Didático, realizado em 24 e 25 de julho de 2003

Mesa composta pelos consultores do processo de elaboração do livro didático. II Seminário, Vargem da Cruz IRPAA, 2003.

Apresentação de experiências dos/as professores/as no II Seminário do livro. Vargem da Cruz, IRPAA, 2003.

Momento de debate no II Seminário do livro, Vargem da Cruz, IRPAA, 2003.

Dinâmica de grupo no II Seminário do livro. Vargem da Cruz, IRPAA, 2003.

SÍNTESE DAS EXPERIÊNCIAS NO II SEMINÁRIO DO LIVRO DIDÁTICO

Ivânia Freitas apresentando a síntese no II Seminário do livro didático. Vargem da Cruz, IRPAA. 2003.

Durante as apresentações das experiências, eu fui tentando pegar o que elas diziam pra ver como é que isso entrava no livro. Então na primeira experiência apresentada (Escola Indígena Capitão Rodelas) permite pensar: como o aluno da escola indígena é retratado, que cultura indígena é essa que a gente está falando? O que é essa cultura indígena? Como vive o índio hoje, os valores, quais os espaços em que vive, quantos são, qual é a atividade econômica, as condições de moradia, de saúde, habitação, qual o papel do pajé na comunidade indígena, a questão do pajé como era, e como é hoje, como é mesmo a relação dele dentro da aldeia? O papel da mulher, da criança, do jovem, como é que hoje se relacionam? Porque fica só atrás de que um dia, era assim. E as histórias de vida hoje. Vivem como, fazem como, como é que se relacionam com a tecnologia? Que tipo de arte ainda é produzida na aldeia? Quais as perspectivas de vida, os sonhos, os desejos?

No relato da professora Dilma (de Irecê) aparece a questão da experiência do GARRA e da ESAGRE na parceria com a escola municipal, desenvolvendo projeto pedagógico a partir do plantio e cultivo de hortas, possibilitando um estudo transdisciplinar, onde as áreas do conhecimento entram para compreender vários aspectos desse estudo, como por exemplo: o período de plantio, o que se planta, onde se planta, utilizar essa pesquisa para explicar noções, conceitos, quantidade, valor calórico e nutricional desses alimentos, ensinar a fazer, pensar em cronograma, pensar em planejamento, manejo do

solo, da água, pesquisar aspectos climáticas da região, do lugar, os períodos propícios a plantação, o levantamento da diversidade da paisagem na região, a participação da família na produção agrícola, o benefício para a comunidade.

O livro deve abrir espaço para produção artística, de textos e contos, deve fazer o aproveitamento dos recursos naturais disponíveis na comunidade realizando um trabalho comunitário.

O livro precisa disponibilizar a aprendizagem através de brincadeiras, jogos, texto de alunos, de alguém do nosso lugar, alguém da região, disponibilizar o conhecimento de forma lúdica, tratar de assuntos como o dever, a competição, a solidariedade. Sugerir ações que possam ser vivenciadas nas comunidades, problematizar a questão do lixo, a relação de convivência, histórias do lugar, cultura, economia, atividades que possibilitem a inclusão. Um livro interativo que colocasse, a todo momento, o diálogo entre o aluno, o livro, o professor e o livro. Um livro que não traz conteúdos fechados, mas que dá espaço para que cada um dentro da sua realidade problematize aquilo que estar sendo feito. Um livro estruturado no campo da pesquisa, onde você tenha como chegar a cada realidade sem trazer uma única concepção.

Um livro que oriente, que dê pista ao professor, de como fazer pesquisas, o que poderia ser pesquisado, por que, como e onde. Um livro que problematize, que mostre outras possibilidades, que não engesse. Possibilitar a observação ensinar a observar. Um livro propositivo, capaz de criar essa fome (de conhecimento) nas pessoas, promovendo a criação, a criatividade, a criticidade e a ação.

II Seminário do Livro Didático, realizado em 24 e 25 de julho de 2003

Carinhosamente conhecidas como “As meninas do livro didático”

PESSOAS QUE ESTIVERAM PRESENTES NA DISCURSÃO NO PERCURSO DA FEITURA DO LIVRO

Seminário interno do IRPAA

Nessa reunião estavam presentes representantes técnicos dos setores de Educação (Ângelo, Neide, Ivânia), Produção (Aniceto, Elizabete, Miroval), Comunicação (Fábio), Clima e Água (João, Haroldo, Dario, Maria), da Coordenação do IRPAA (Cícero, Moacir), pedagogas do Projeto do Livro Didático (Edineusa, Maisa) e consultor pedagógico da instituição Edmerson Reis.

I Seminário realizado nos dias 13 e 14 de novembro de 2002

Estavam presentes no Seminário: Cláudia Maisa A. Lins, Edineusa Ferreira Sousa, Lucineide M Araújo, Ângelo C. Neri Oliveira, Ivânia Paula Freitas, Haroldo Schistek, Cícero Félix dos Santos, Mª das Graças C. de Oliveira (IRPAA); Rejane Vasconcelos Pereira da Silva, Enilda Virgulino do M. Duarte (3ª CRE/SEE –Projeto Círculos - Palmeira dos Índios); Edmerson dos Santos Reis (SEE Juazeiro/IRPAA); José Espedito Félix Martins (SEE Juazeiro/SEME Curaçá); Vanderléa Andrade (Fundação Cultural de Juazeiro); Maria de Conceição Hélio Silva (UNEB/DCH III); Edinalva Nunes Oliveira (CAATINGA – Ouricuri - PE); José Carlos Barreto Sodré (Fund. Clemente Marianni – Salvador – BA); Débora Amorim Regis (SEE – Juazeiro – BA); Daniely Ferreira (SEE-AL/Coordenadora do Setor Livro Didático); Josiela O. Cardoso (SECTEL – Uauá – BA); Iêda Mª Nunes de M. Ferreira (SEE/Juazeiro – BA); Alessandro Vigilante (ISPAC, Salvador – BA); Francisca M. Baptista, Joelma dos Santos Oliveira (MOC – Feira de Santana – BA); Rosângela da Costa (SEE/RESAB – Juazeiro – BA); Antônio Paulo Resende (UFPE – Recife – PE); Josemar Martins (Pinzoh) (UNEB/RESAB – Juazeiro – BA); Sinelândia O. M. da Silva (GARRA – Irecê - BA).

II Seminário realizado nos dias 24 e 25 de julho de 2003

Do CAATINGA: Adriana Silva Sobral e Josenilton Teixeira Salviano (professores no município de Ouricuri-PE). IRPAA: Ana Maria Paes Dias Costa e

Meirilande Paes Carvalho Costa (professoras no município de Cel. José Dias - PI), IRPAA/PROCUC: Laudicir R. de Oliveira, Maria Ferreira de Sousa e Sandra Ferreira de Sá (professores do município de Curaçá-BA), Maria Gorete Marques Varjão (professora no município de Uauá-BA). MOC: José Edmilson C. de Oliveira (professor do município de Araci-BA), Joelma dos Santos Oliveira (professora no município de Valente-BA). GARRA: Dilma Nere dos Santos (professora no município de Irecê-BA). IPETERRAS: Josilânia Alves Fernandes e Márcio Érito Alves Dourado (professores do município de Irecê-BA). CEFAS: Carliene Amâncio da Silva, Helaine Fernanda de Moura Lacerda e Sebastianeide Granja de Oliveira (professoras no município de Oeiras-PI). MST: José Carlos de Paiva Nunes (professor no Salitre – município de Juazeiro-BA)

Professores indígenas da Escola Capitão Rodelas: Edivane Lima Fonseca Pergentino e Genicléia Santos de Aprígio e Marivalda Santos Oliveira – professoras na Aldeia dos Tuxás Rodelas-BA.

Professores pesquisadores Álamo Pimentel (UFBA, Salvador-BA), Antonio Paulo Rezende (UFPE, Recife-PE). Da UNEB DCH III Juazeiro Ana Lilian dos Reis[82], Odomaria Bandeira, Aurilene Rodrigues, Francisca de Assis, Josemar da Silva Martins, Maria Conceição Hélio Silva.

Profissionais de instituições não-governamentais: Francisca Baptista (MOC, Feira de Santana-BA), Lorena de Araújo Melo (CAR), Miroval Ribeiro Marques (IRPAA/PROCUC, Uauá-BA), José Carlos Sodré (Fundação Clemente Marianni, Salvador-BA). Do IRPAA Juazeiro-BA: Ana Cecília dos Reis, Raimundo Alves Pereira, Aniceto Elias de Queiroz, Ângelo Neri, Cícero Felix dos Santos, Claudia Maisa A. Lins, Edineusa Ferreira Sousa, Elisabete Oliveira Costa, Edmerson dos Santos Reis, Haroldo Schistek, Ivânia Paula de Freitas, João Gnadlinger, Lucineide Martins, Maria Oberhofer, Moacir dos Santos.

Profissionais de instituições governamentais: Cixto Bandeira Filho e Vanderléa Andrade[83] (Fundação Cultural de Juazeiro-BA). Da SEE (Secretaria de Educação e Esporte) Juazeiro-BA: Elisete Dantas dos Santos Juazeiro, Ednalva dos Santos, Maria

[82] Ana Lilian dos Reis. Professora da área de biologia, do DCH III (Departamento de Ciências Humanas)-Juazeiro-BA; UNEB (Universidade do Estado da Bahia). Uma das consultoras do projeto do Livro Didático.

[83] Pedagoga que atuou também na produção do livro, juntamente com Claudia Maisa e Edineusa Ferreira, formando o trio “As meninas do livro didático”.

Joilda de R. Piauí e Rita de Cássia Evangelista). E Maria Mirtes Cordeiro, secretária de educação e cultura (Cabo de Santo Agostinho-PE).

LENDA DA CIDADE DE PALMEIRAS DOS ÍNDIOS "CIDADE DO AMOR"[84] - ALAGOAS

"No maciço da Serra da Boa Vista, havia muitas palmeiras, sendo que uma delas se destacava das demais. A região era habitada por índios, daí lhe veio o nome".

"Há duzentos anos, o cacique Etafé havia pedido em casamento a bela índia Tixiliá, mas esta amava o seu primo Tixili. Durante uma festa na aldeia, quando segurava um caneco contendo aluá – bebida fermentada, e pretendendo oferecê-la a Tixili, foi por este beijada. Esse fato constituiu para a tribo uma profanação, pois a índia virgem era a eleita do cacique. Tixili foi então condenado a morte por inanição. E, durante três dias, padeceu horrivelmente após pronunciar inúmeras vezes o nome de sua amada, o guerreiro sentiu a jovem se aproximar, após burlar a guarda da tribo. Tixiliá, então plantou ao lado do seu amado quase moribundo, uma pequenina cruz, rogando que dela brotasse uma palmeira frondosa, a sombra da qual Tixili pudesse amenizar seu sofrimento. Antes que concluísse sua prece, Tixiliá foi atingida mortalmente por uma flecha contra ela disparada pelo cacique Etafé que os espreitava por trás de uma folhagem. Mortalmente ferida, a índia tombou sobre o corpo de Tixili e os dois apaixonados exalaram, juntos o último suspiro. Dias depois, no local onde morreram, nasceu uma palmeira, simbolizando a união dos dois índios através de um intenso amor".

[84] Versão da lenda, contada por uma jovem que trabalhava, na ocasião de nossa visita, no museu de Palmeira dos Índios - Alagoas.

ALGUMAS LETRAS DE MÚSICAS CANTADAS NO TORÉ DOS POVOS TUXÁS – RODELAS – BAHIA

JUREMEIRA

Oi lá no mato
Tem um pau
Oi se chama
A juremeira
Das flores brancas
Oi da semente preta
Oi alevanta a juremeira

OLHA A FOLHA DA JUREMA

Olha a folha da jurema que o vento vai levando
Olha a folha da jurema que o vento vai levando
E vai levando e vai levando e os caboclos acompanhando
E vai levando e vai levando e os caboclos acompanhando

JUREMA

Jurema, minha jurema
Eu quero ver meus caboclos regimar
É no regime de Deus
É no regime de união

RIO SÃO FRANCISCO

No Rio São Francisco
No outro lado de lá
Tem duas caboclas índias
Dançando o seu Toré,
Bebendo água em seu coité
Ô cabocla do mato só vem afogar

PARECER DO PROFESSOR ÁLAMO PIMENTEL SOBRE OS LIVROS

Parecer de Apreciação do Livro Didático: Conhecendo o Semi-Árido Brasileiro, educação e contexto

Avaliador: Álamo Pimentel

Parecer:

Queridas amigas, autoras do belo exemplar Conhecendo o Semi-Árido, versão preliminar de um antigo projeto/sonho, um livro didático com a cara do semi-árido brasileiro. Fiquei muito feliz ao receber um exemplar do trabalho, primeiro por me sentir parte desta história, segundo por ser testemunha do intenso e rico levantamento e organização de dados que reuniu vocês na construção deste livro.

Antes mesmo de fazer a minha leitura informal, fui convidado a fazer uma leitura detalhada e especializada pelo fato de vocês terem que realizar alguns ajustes na composição do trabalho. Não foi tarefa fácil. Primeiro porque a emoção de ter em minhas mãos um conjunto tão rico e original de dados, num livro que eu gostaria de ter conhecido na escola da minha infância, fez-me desejar retê-lo tal como se apresenta deixando-o assim do jeitinho que está. Depois a lucidez de um educador, imbuído da luta pela construção de processos educativos congruentes com realidades ecológicas e sociais de seus contextos, fez-me pensar nas dificuldades que as leituras do livro tal como se apresenta podem gerar. Meu olhar crítico sobre o trabalho constitui-se a partir de uma dupla percepção do mesmo: ***sua apresentação*** e o ***seu conteúdo***. De um lado fui buscando reler criticamente a estética do texto, do outro os seus fundamentos, ou a maneira como distribui informações e constitui-se numa fonte de conhecimento.

Pois bem, neste aspecto a primeira coisa que gostaria de destacar é a importância de se incorporar no título a adjetivação do semi-árido como semi-árido brasileiro. Creio que seja uma questão sutil, mas de suma importância, é fundamental que leitores especializados ou não tenham a consciência de que o semi-árido de que trata o livro tem uma identidade específica.

Bem, a grosso modo eu senti falta de uma organização temática do livro, todos os textos e imagens são muito ricos mas a sua distribuição deveria ser feita de acordo com um conjunto de temáticas relevantes ao trabalho, seria no meu entender uma forma de destacar a temática como um princípio gerador de conhecimento e não o conteúdo

strictu sensum. Por exemplo, existem conjuntos de textos que tratam de aspectos ecológicos do semi-árido, outros que tratam de etnias do semi-árido, outros tantos que tratam da corporeidade. No livro os textos apresentam-se soltos e de forma não linear (o que é interessante de alguma forma), contudo são muitos textos, alguns muito longos, e uma tendência a privilegiar mais o conteúdo que a temática tratada. Considerem esta crítica pelo princípio de que o livro-texto deve ser um convite a uma reflexão ampliada de um campo temático, por tanto o destaque a temáticas deve ser privilegiado como forma de subsidiar a emergência de outras temáticas e a produção de novos textos dentro de uma mesma temática.

Ainda com relação à apresentação dos textos tenho algumas observações, muitos textos são longos, escritos em letras miúdas e cheios de informações, vou dar um exemplo, no texto sobre a fazenda Brandão, na página 109, penso que toda a história poderia ser apresentada através de uma história de quadrinhos, ou um cordel, é um texto longo e rico, merece ser destacado, mas também merece outro tratamento. O mesmo vale para o texto guerra de Canudos (p.72), a vida de conselheiro, página 70, o cangaço p.62, o texto sobre o MST p.64, etc. No texto da página 47 sobre a comunidade de Laje dos Negros penso que a sua apresentação deveria ser feita através de foto e não da imagem desenhada da narradora, penso que os desenhos são muito bons e atrativos mas nada substitui a foto, neste caso seria importante afirmar a presença da narradora e pelo menos uma foto da sua comunidade. A idéia de por em destaque algumas informações é muito boa, por exemplo, na página 32 sobre ecossistema. Isto deveria ser mais explorado para outras tantas informações que estão pouco explicadas no texto, por exemplo, sítio arqueológico é um conceito fundamental para o entendimento das suas delimitações temáticas, temporais, espaciais etc., na página 39 no texto sobre a Serra da Capivara é importante destacar o que é um sítio arqueológico, esta informação é fundamental para o detalhamento da compreensão da área total do parque.

Na página 21, no texto para saber mais, creio que as imagens das plantas poderiam ser substituídas por fotos (maracujá e malva dão boas ilustrações sobre aparelhos reprodutores vegetais), faltou destacar em imagens essas coisas com estigmas, gineceu, androceu etc., foram colocados em destaques duas formas de reprodução artificial mas não foram detalhadas outras formas de reprodução natural, ou ecologicamente situadas, ações dos ventos, pássaros, insetos etc. Creio que uma leitura mais apurada iria identificar outras questões de apresentação, chamo atenção para os aspectos apontados pois foram os que mais me capturaram.

Com relação ao conteúdo fui anotando questões bem pontuais, fiz o melhor que pude e vou passo a passo destacando. Alguns termos são muito sofisticados para o público a que se destina. Termos tipo dormência vegetativa, extrativismo (p, 14), caprinovinocultura (p.16), proteína, amido, planta forrageira p.17, frutas e frutos (qual a diferença entre um e outro) (p.18) qual a diferença entre tronco e estipe? P.19, aracnídeos, miriápodes, vertebrados, fungos, cortex, liquens, parasitas, epífitas, bromélias, tem uma explicação sobre a clorofila na página 20 que eu achei genial, esta mesma explicação poderia ser utilizada para o detalhamento de outras tantas palavras, séquito e ferormônio (está escrito feromônio no texto), são duas palavras 'cabeludas', merecem mais explicação. Na página 31 existe um quadro com bichinhos de nomes esquisitos tais como protozoário, nematóides, etc. Penso que merecem um registro de identidade em um outro quadro anexado à mesma tabela, com características gerais de cada um, uma espécie de carteira de identidade deles , ou então uma proposta do livro em se fazer a carteira de identidade dos mesmos, talvez seja uma saída interessante também. Na página 33 a conversa de Filó com Zanza merece um destaque, pus em caneta: ***localizando a própria casa***, isto orienta melhor a destinação das informações, na minha opinião. Quando o livro trata de povos penso que o conceito de etnia (na página 54) a problematização proposta traz o conceito de etnia que não foi destacado anteriormente, por exemplo, deveria estar presente esta é uma categoria cara à compreensão cultural de um povo, uma etnia é o resultado de um modelo de organização social instituinte de um padrão cultural, é o pertencimento étnico que identifica um povo pois situa os seus modos de vida em sociedade e de produção cultural, a partir da página 45 estas informações começam a aparecer creio que aí já cabe um destaque ao conceito de etnia, na página 46 falta acrescentar a importância do Rio São Francisco à ocupação do semi-árido por outras etnias, sei que mais adiante isto será tratado com detalhamento mas no texto do diálogo entre Zanza e Filó isto precisa ser dito. Na página 49 eu substituiria a palavra discriminado por chamado e explicaria mais o que é uma gleba.

No texto sobre o MST faltou uma informação que eu considero importante, na década de 90 (mais ou menos 94) a ocupação da fazenda Safra foi uma das mais importantes do Brasil, estava situada na localidade de Santa Maria da Boa Vista, em pleno sertão ribeirinho e tinha mais de 2 mil famílias, acho que seria importante falar sobre os projetos irrigados quando se trata de mecanização da lavoura e transformação social do semi-árido, na verdade é só fazer menção mesmo, mostrar por exemplo que uma

mudança nos projetos de desenvolvimento agro-econômicos terminam alterando as relações entre o campo e a cidade, relação tensa no interior do semi-árido com bem o sabemos, cabe também um destaque ao conceito de movimento social como emergência de conflitos entre os modelos de sociedade historicamente construídos, nada acadêmico demais, só um lembrete com informações básicas para ajudar o professor e os alunos na reflexão. Na página 65 fala-se em processo de libertação, acho o termo pesado, na verdade seria um processo de reorganização dos pequenos produtores, creio que a idéia de libertação é muito densa para o texto. Na página 70 merece uma revisada o nome completo de conselheiro, no texto está Antonio Vicente Conselheiro, creio que é Antônio Vicente Mendes Maciel, há um problema na data de nascimento também, está 1930 quando creio que é 1830. Na página 89 no final do texto Meu Povo Conta, a palavra deve ser mundo e não mudo como está grafado. Na página 131, ao longo da apresentação dos indígenas do semi-árido seria interessante descrever alguns rituais ou mesmo práticas culturais destes índios na relação com a natureza, produção econômica, religiosidade, etc., claro, isto se tais dados estiverem acessíveis.

Bem, de maneira geral estas foram as anotações que fiz. Espero poder estar contribuindo para mais uma nova etapa de leitura deste maravilhoso e rico arsenal de informações que vocês estão elaborando.

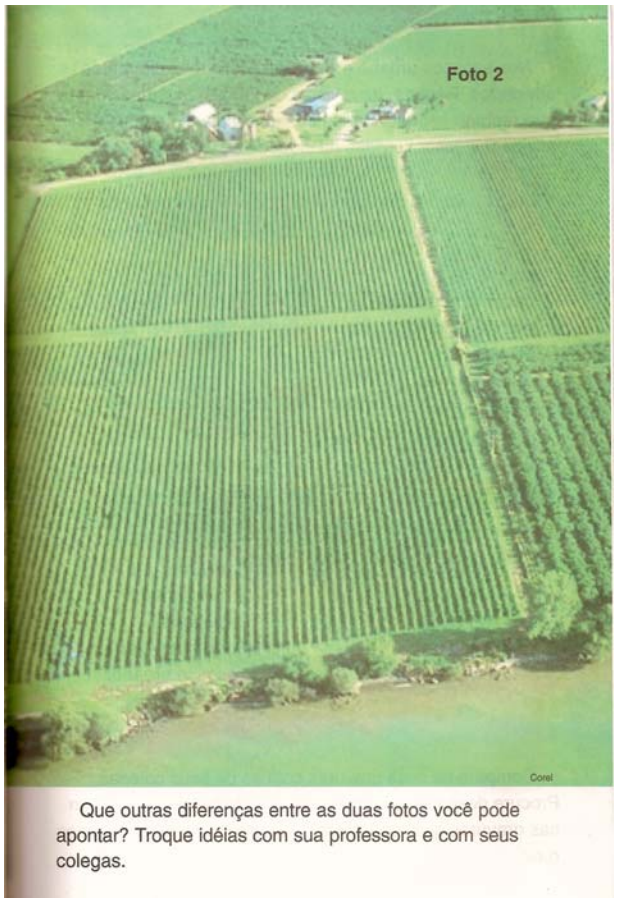
Quero parabenizá-las pelo trabalho fenomenal que vocês realizaram, lamentar o fato de não poder estar esta semana com vocês, colocar-me à disposição para novos diálogos e, sobretudo celebrar com vocês esta conquista ousada e corajosa de reescrever a história do semi-árido a muitas mãos.

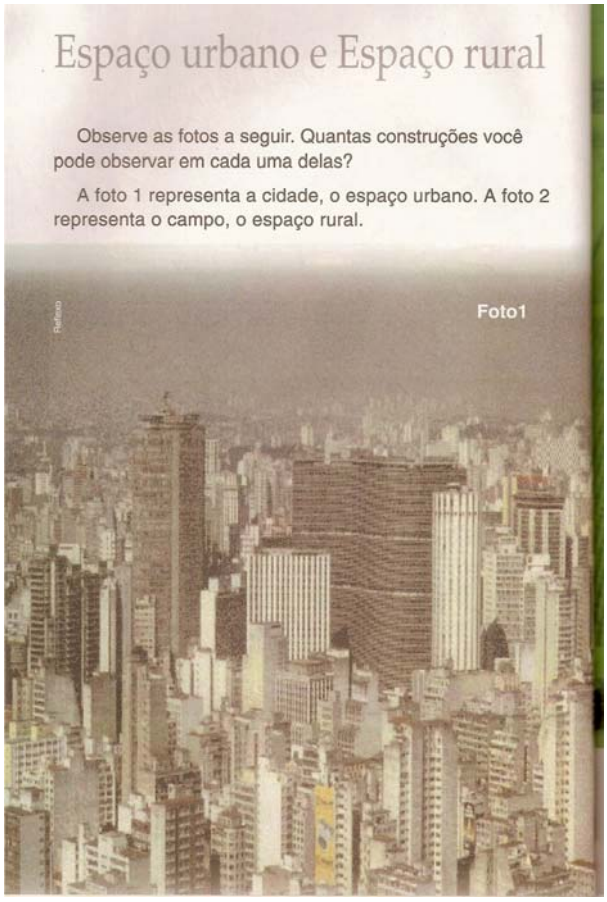
Um beijo enorme:

Álamo Pimentel

PS.: na bibliografia consta a minha citação como Silva, optei pelo registro da mesma como Pimentel, é assim que consta da última versão da minha tese e do meu currículo lattes. Como vocês bem sabem Álamo Pimentel é uma velha marca conhecida de todos nós que expressa uma história marcada por muitas lutas.

TEXTOS/IMAGENS DE LIVROS DIDÁTICOS OBSERVADOS E ANALISADOS NO II SEMINÁRIO DO LIVRO DIDÁTICO





Imagens 13 e 14: Livro História e Geografia, Coleção Vitória Régia de Jean Carlos Moreno e Antonio Fontoura Jr., páginas 42 e 43, 2000.

TEXTOS/IMAGENS DE LIVROS DIDÁTICOS ATUAIS OBSERVADOS E ANALISADOS NO II SEMINÁRIO DO LIVRO DIDÁTICO

Quem viaja pelo sertão do estado da Bahia, principalmente pelas regiões onde chove pouco, pode observar, ao longo da estrada, áreas rurais com casebres, geralmente de taipa, cobertos com palha.

Taipa: Parede construída com varas trançadas, preenchidas com barro.

Nos fundos do casebre, quase sempre há uma rocinha de mandioca, milho ou feijão. Em geral, essa rocinha serve apenas para o sustento familiar, por isso é chamada lavoura de subsistência. Nela, homens, mulheres e crianças trabalham com instrumentos simples, como enxada, foice e machado.

Se o viajante parar, será bem acolhido e até chamado de "doutô", "vosmicê" ou "ioiô". Essa é uma demonstração da humildade de um povo que se julga inferior ao que vive nos centros urbanos.

Rosalio Ribeiro/Foto

Casebres de taipa são comuns nas áreas rurais da Bahia.

No interior do casebre, o viajante observará uma situação de muita pobreza. O piso é de terra batida, e a casa não possui mais do que três cômodos. Por ausência de instalação sanitária, as fezes são jogadas no quintal, misturando-se com a alimentação dos poucos animais (porcos e galinhas). Em conseqüência, muitas doenças se propagam facilmente, como a verminose, por exemplo.

Na cozinha, encontra-se um fumacento fogão a lenha com uma ou outra panela de barro, onde, quando muito, se prepara feijão com carne-seca para comer com farinha e pimenta.

Ricardo Azoury/Pulsar

No interior do casebre: chão de terra batida, fogão a lenha e poucos utensílios.

A mobília é a mais simples possível. A cama, em geral, é uma esteira ou um lastro de madeira, quase sempre sem colchão. Em vez de cadeiras há tamboretes para se sentar.

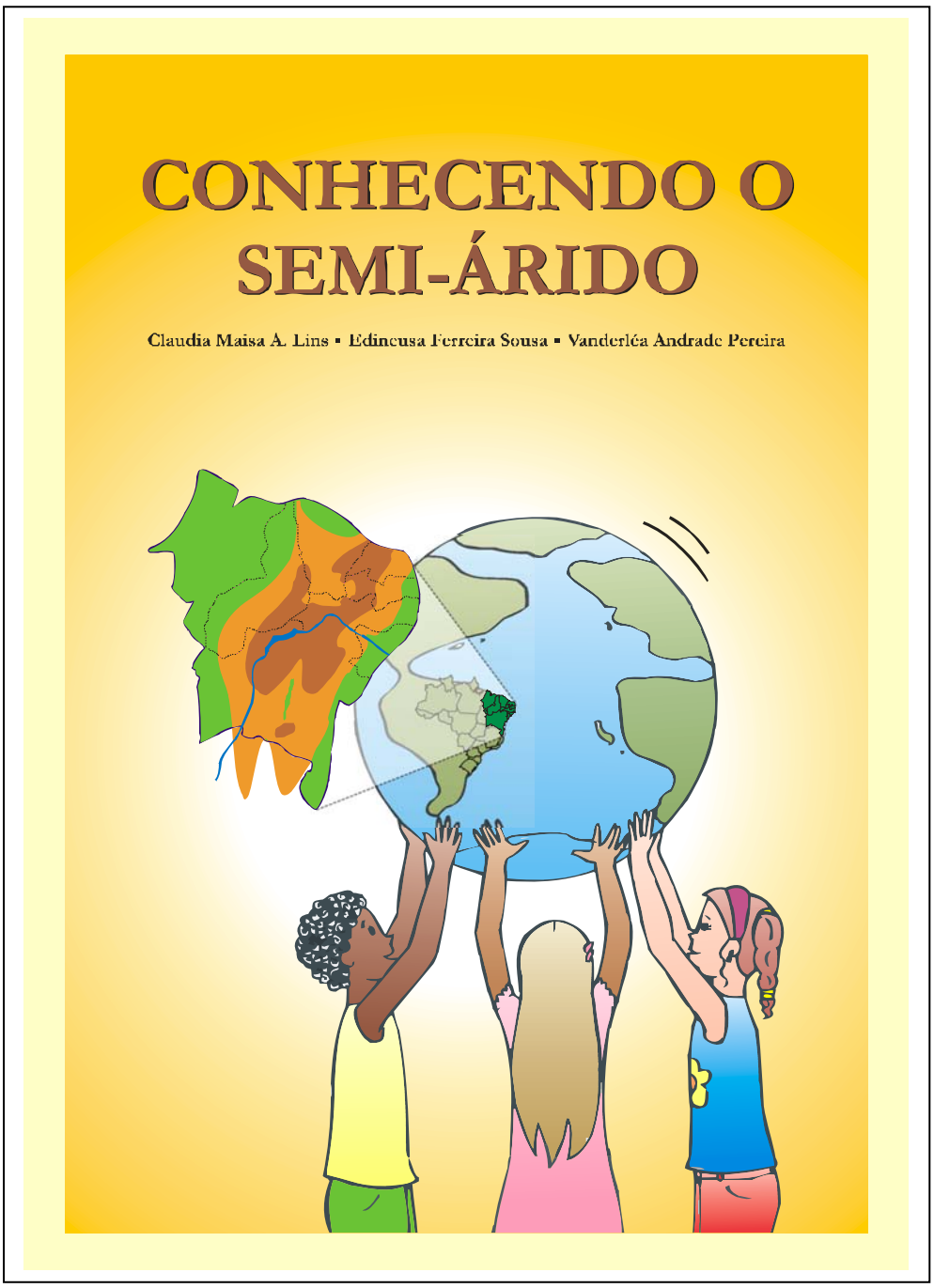
Raríssimas comunidades rurais baianas são beneficiadas com água encanada. A água, geralmente, é apanhada nos rios ou fontes, quando não estão secos.

Imagem 15: Livro Segredos da Bahia, de Albani Galo Diez, página 67, 1997

.

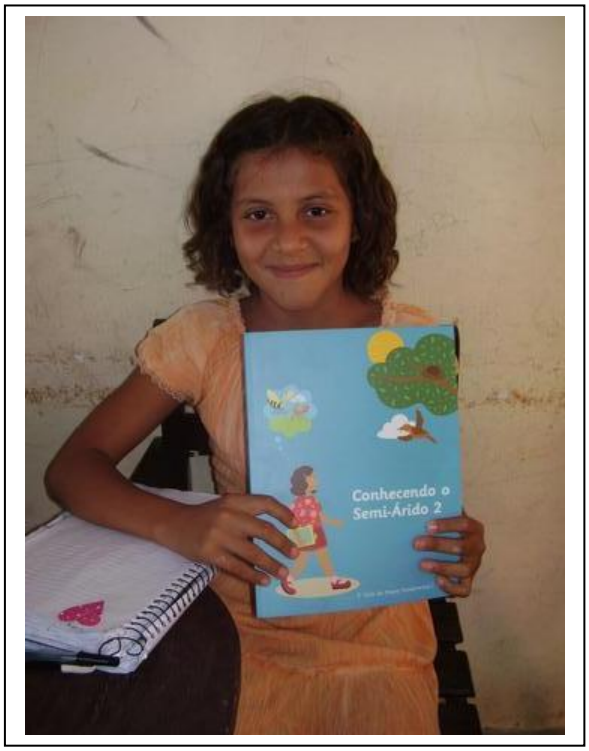
CAPAS DOS LIVROS DIDÁTICOS CONHECENDO O SEMI-ÁRIDO

PRIMEIRA VERSÃO

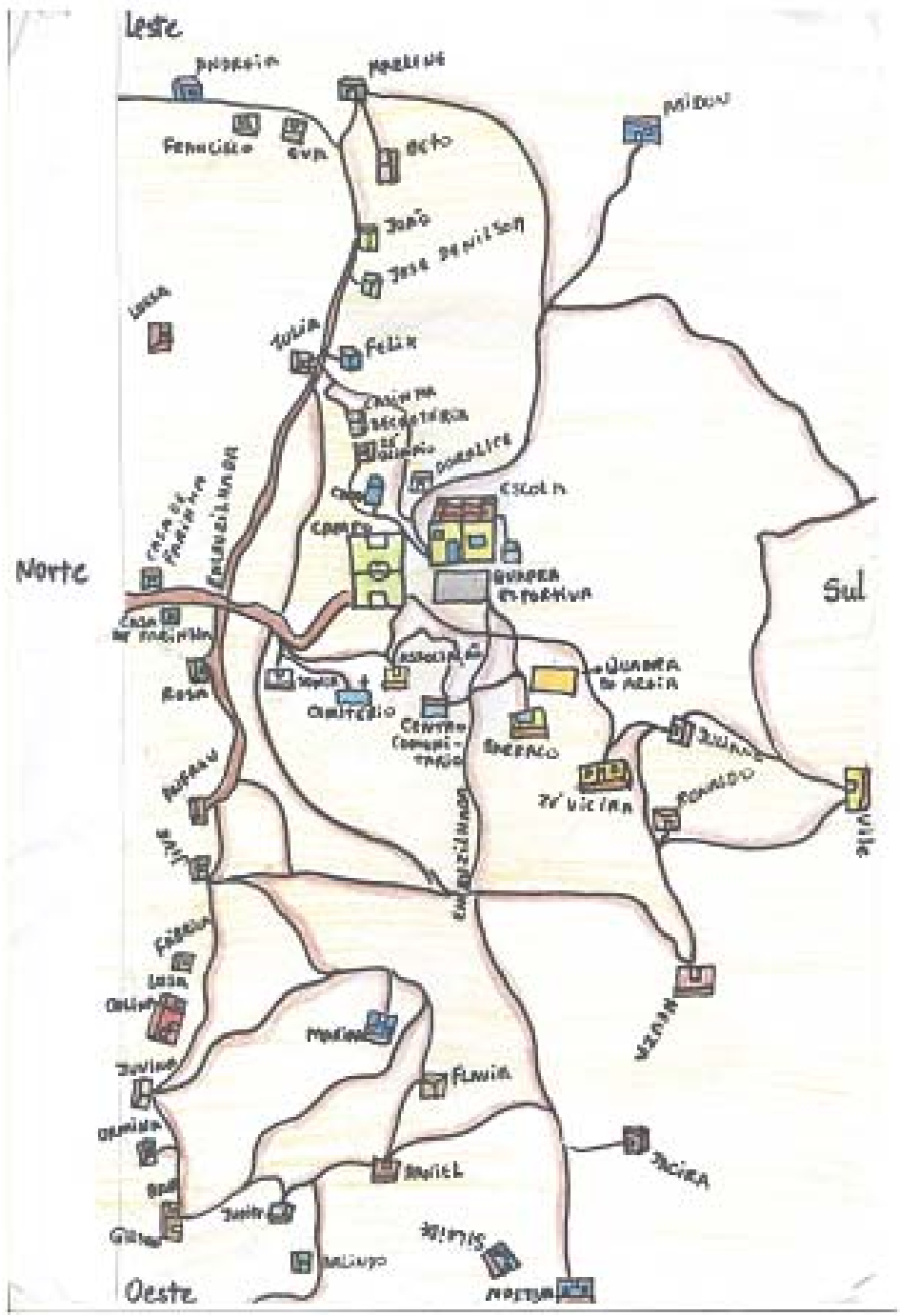


SEGUNDA E ÚLTIMA VERSÃO

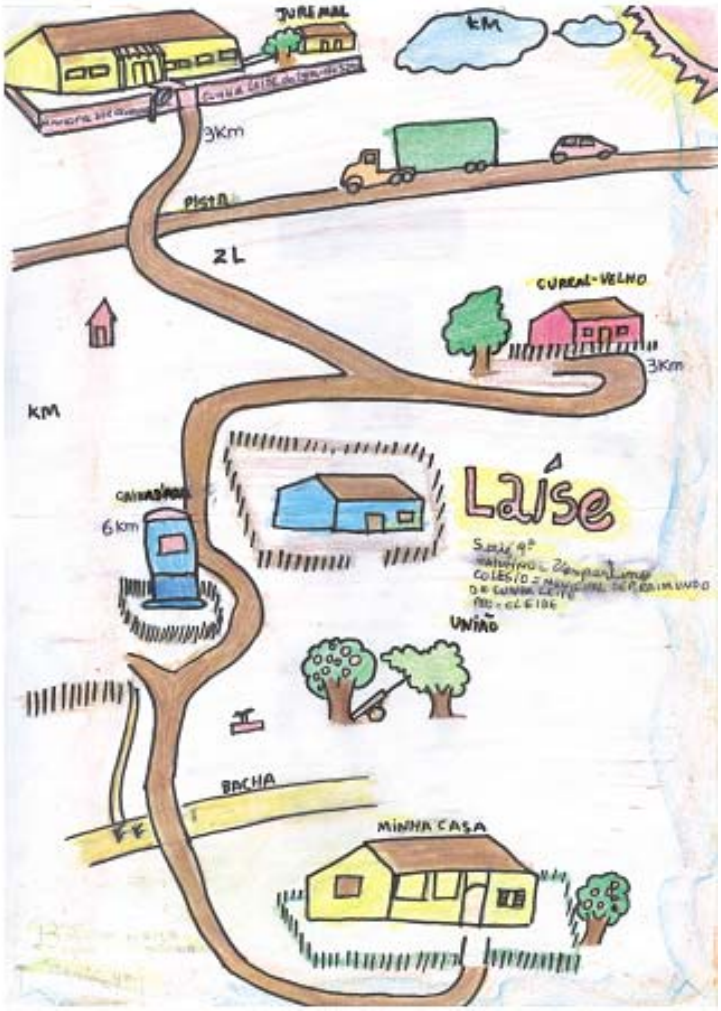
CRIANÇAS COM OS LIVROS DURANTE O TESTE DE RECEPÇÃO COORDENADO PELA RESAB E UNICEF



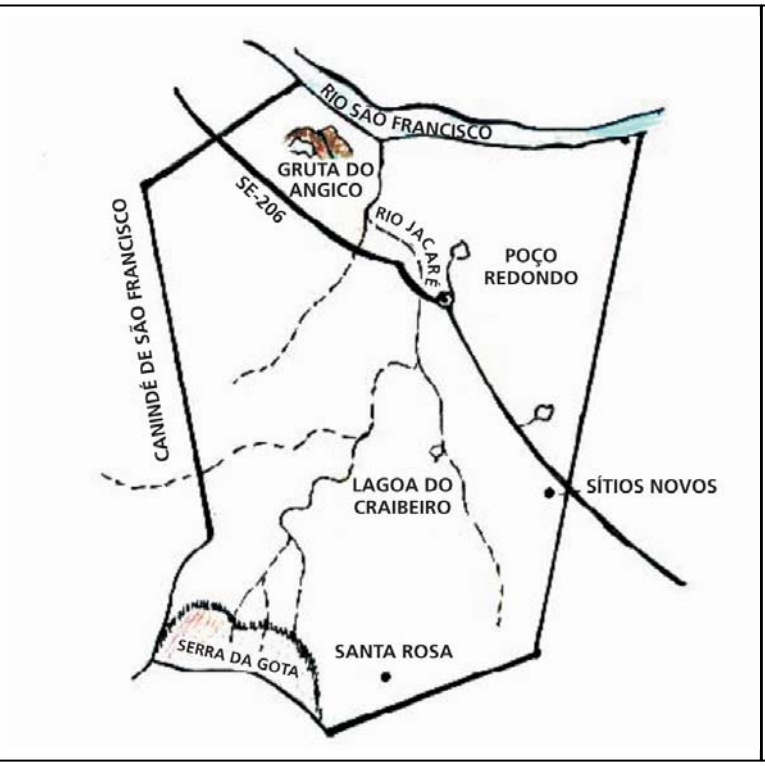
MAPAS DESENHADOS PRESENTES NOS LIVROS



Anexo 53. Desenho: Solange, Silene e Josimara, da Escola Macário Vieira de Carvalho. Representação da Fazenda Brandão.



Anexo 54. Desenho: Laíse, 4ª. Série, Col. Dep. Raimundo da C. Leite. Representação do caminho casa/escola.



Anexo 55. Desenho de Raimundo Eliete Cavalcante . Representação do mapa de Poço Redondo - Sergipe.

I CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO PARA A CONVIVÊNCIA COM O SEMI-ÁRIDO – 17 a 20 de maio de 2006 – Juazeiro - BA

Grupo Temático – Material Didático para o Semi-Árido

O material didático disponibilizado ao aluno (livros e outros) tem sido totalmente descontextualizado, negligenciando a realidade local (as especificidades e potencialidades do Semi – Árido). O livro e outros materiais que contemplem a realidade são de fundamental importância para que o aluno possa se sentir protagonista no processo educacional e na construção da identidade.

PROPOSTAS APRESENTADAS

Elaboração de material didático e paradidático para todos os estados do Semi-Árido Brasileiro em parceria com educadores e educadoras locais, Universidades, iniciativas privadas e sociedade civil de modo geral, que tenham experiência e desenvolvam pesquisa no contexto do Semi-Árido, com cadernos de atividades sobre a realidade local e municipal;

Produção de materiais didáticos e paradidáticos (livros, vídeos, revistas, jogos, CDs), em nível de Estado, Município e Escola;

Garantia da produção e distribuição de materiais didáticos apropriados para as escolas do Semi-Árido para o campo e cidade;

Garantia de programa de financiamento, para produções e aquisições de materiais didáticos contextualizados, em parceria com instituições governamentais, não governamentais e privadas;

Incorporar as produções locais contextualizadas às políticas educacionais do MEC;

Produção de materiais de orientação didático-pedagógica para o processo de formação de professores e professoras de acordo com os princípios da Educação para a Convivência com o Semi-Árido Brasileiro;

Garantir a presença da RESAB junto à comissão de educação do MEC.

Criação de um fundo orçamentário para elaboração de materiais didáticos contextualizados com o Semi-Árido em nível municipal e estadual;

Garantir os princípios éticos da autonomia, responsabilidade, solidariedade, bem-comum na elaboração dos materiais;

Garantir os princípios políticos dos direitos e deveres da cidadania, o exercício da criatividade e respeito à ordem democrática na elaboração dos materiais;

Garantir os princípios estéticos da sensibilidade e a diversidade de manifestações artísticas e culturais;

Garantia do processo de seleção, avaliação e distribuição em tempo hábil dos livros didáticos nas redes: federal, estaduais e municipais de educação;

Garantir a aprovação e distribuição pelo MEC do livro Conhecendo o Semi-Árido vol. 1 e 2 em 100% dos municípios do Semi-Árido Brasileiro para o 2º Ciclo do ensino fundamental;

Fazer mapeamento cultural regionalizado do Semi-Árido pelos agentes multiplicadores da cultura;

Os livros didáticos devem ser construídos considerando a realidade vivenciada no semi-árido e o conhecimento global (científico), observando a temporalidade e espacialidade, construindo a identidade do sujeito.

Os livros didáticos devem contemplar a vivência no campo sem esquecer a diversidade campo/cidade, bem como dar enfoque crítico à questão política e as de gênero, raça e etnia;

Construir livros regionais e municipais considerando a produção do conhecimento sobre a realidade do município, cabendo a escola aperfeiçoar essa dimensão;

APÊNDICES

LIVRO 1

A vegetação do Semi-Árido

Débora está feliz porque ganhou um livro de histórias sobre o Semi-Árido. Logo na primeira página, ela conheceu a formiga Zanza, a personagem principal. Vamos fazer uma viagem pelo Semi-Árido junto com elas?

A formiguinha Zanza viaja pelo Semi-Árido

Um dia, a formiguinha Zanza perdeu-se do seu formigueiro. Como ela não sabia onde estava, não conseguia voltar para casa. Assim, saiu andando, andando, até que olhou para cima e viu uma bola enorme, alaranjada, que espalhava seu calor por toda parte. Nunca tinha visto um sol tão quente e tão bonito como aquele. E porque estava perdida, Zanza foi se sentindo só. Começou a descer a serra cinzenta, resmungando que, se conhecesse melhor o lugar onde vivia, acharia agora mesmo um jeito de voltar para lá.

Zanza encontrou uma árvore frondosa que, mesmo com tanto sol, estava verde e cheia de frutos. Sentou-se à sua sombra e, olhando a árvore, perguntou em voz alta para o tempo:

Que árvore será essa?

Rapidamente um sabido joão-de-barro, que construía sua casa no galho da árvore, respondeu:

Divulgação

O joão-de-barro é um passarinho que constrói seu ninho com barro. Sua cor é marrom avermelhada, sendo o peito e a barriga mais claros. Alimenta-se de grãos, insetos e larvas.

Cláudia Maísa A. Lins

O imbuzeiro ou umbuzeiro (*Spondias Tuberosa Arruda*) é uma importante fruteira nativa da região Semi-Árida do Nordeste brasileiro. Pode atingir até 7 m de altura e sua copa pode medir até 22 m de diâmetro

Este é um imbuzeiro, árvore típica da caatinga que armazena água das chuvas nas suas raízes para que, mesmo na época de estiagem, ela possa se alimentar, florescer e dar deliciosos frutos.

Como pode essa árvore estar assim tão verdinha com todo este calor, quando as outras estão secas?, perguntou Zanza.

Pois eu não lhe disse? É a água guardada nas raízes que permite que, na época da seca, ela continue viçosa.

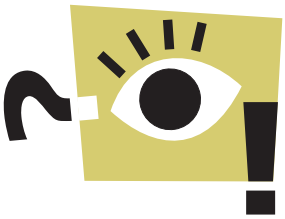
Entusiasmado, o joão-de-barro continuou sua explicação.

Os imbuzeiros perdem as folhas e passam entre 30 a 45 dias desfolhados. Depois disso, no início dos meses de agosto e setembro, começa o processo de brotação, floração e frutificação, que vai até o final de novembro, quando se podem encontrar os primeiros frutos maduros. É no verão que o imbuzeiro produz e, quando chega a chuva, em novembro, já está cheinho de imbus. A caatinga pode estar seca, mas os imbuzeiros já estão carregados de flores que vão alimentar as abelhas, as vespas, os pássaros, os bodes, as cabras e vão se transformar em frutos. Existem imbuzeiros em toda região Semi-Árida. O imbu é extraído principalmente nos Estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Sergipe, Alagoas, Bahia e na parte Semi-Árida de Minas Gerais.

Mas Zanza, curiosa como é, continua fazendo mil perguntas:

E isso? E aquilo? E que lugar é esse que só tem seca?

Antes que ela fechasse a boca, apareceu da terra uma minhoca, já aborrecida com tanta pergunta, que foi logo dizendo:



Você sabe que o lugar onde você vive é o Semi-Árido? E por que ele é chamado assim? Vamos começar descobrindo quando acontece a época da chuva e a da seca aí onde você mora?

Encantada com a vegetação do Semi-Árido, Zanza começa a cantar:

As árvores são fáceis de achar
Ficam plantadas no chão
Mamam do sol pelas folhas
E pela terra
Também bebem água
Cantam o vento
E recebem a chuva de galhos abertos
Há as que dão frutas
E as que dão frutos
As de copa larga
E as que habitam esquilos
As que chovem depois da chuva
As cabeludas, as mais jovens mudas

As árvores ficam paradas
Uma a uma enfileiradas
Na alameda
Crescem pra cima como as pessoas
Mas nunca se deitam
O céu aceitam
Crescem como as pessoas
Mas não são soltas nos passos
São maiores, mas
Ocupam menos espaços
Árvore da vida
Árvore querida
Perdão pelo coração
Que eu desenhei em você
Com o nome do meu amor

As Árvores, Arnaldo Antunes

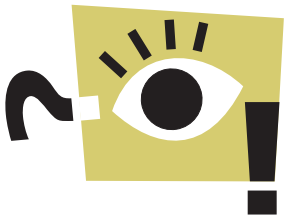
(Arnaldo Antunes é cantor de rock nacional.
Já fez parte da Banda Titãs e hoje faz carreira solo.)

Vamos aprender mais sobre as árvores?

Lendo este pedaço da história, Débora lembrou-se da aula que teve sobre árvores.

Árvore é uma planta perene, de caule lenhoso, de onde partem galhos que, por sua vez, se dividem em outros, mais finos. A altura que uma árvore alcança em relação ao solo varia de espécie para espécie. Toda árvore tem duas partes, de aspecto bem diferenciado: o tronco, que sustenta toda a estrutura, e a copa. Em algumas espécies, não há ramificações e há casos em que não se fala em tronco, mas em estipe. A copa é um penacho de grandes folhas, formado pela ramagem, onde se encontram também os brotos, que podem dar origem a novas árvores.

Uma só árvore isolada pode abrigar muitas espécies de outras plantas e de bichos também: os invertebrados, como insetos, aracnídeos (aranhas, ácaros e escorpiões) e miriápodes (centopéias, piolhos de cobra, lacraia); os vertebrados, como aves, répteis e mamíferos, que encontram nela seu alimento, seja em forma de folha, brotos ou frutos. Sobre seu córtex (camada externa do caule e dos galhos da árvore) crescem fungos, liquens e plantas parasitas e epífitas, como as bromélias, que utilizam a árvore como suporte para alcançar a altura onde a luz é abundante. Entre suas raízes, encontram-se larvas de insetos, minhocas que vivem no subsolo, ácaros e roedores. Ou seja, a árvore hospeda uma infinidade de seres vivos.



Perto da sua casa tem uma árvore? Fale um pouco sobre ela, se dá frutos, sombra, quem a plantou, há quanto tempo. Se perto da sua casa não tem uma árvore, então plante uma e cuide bem dela.

Caça predatória

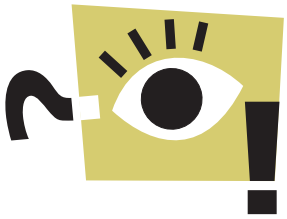
Devido à caça predatória, que destrói o ambiente, vários animais estão desaparecendo do Semi-Árido. Muitas crianças nem sabem que esses animais um dia existiram. Eles são caçados para serem domesticados e vendidos, como matéria-prima para fabricação de alimentos e de outros produtos. É importante saber que é crime ambiental, com pena que varia de seis meses a um ano de cadeia, matar, caçar, perseguir, apanhar, utilizar espécimes da fauna silvestre nativos ou em rota migratória sem a devida permissão, licença ou autorização. A rota migratória é a locomoção dos animais por diferentes áreas, fugindo do inverno rigoroso ou para fins de reprodução da espécie.

Ocupação desordenada do solo

Existem limites no uso dos recursos naturais. A quantidade de água é limitada e requer um planejamento adequado para atender aos usuários. Se o manancial, mina d'água, nascente, só tem capacidade para atender 10 mil pessoas, como fazer se 50 mil pessoas se instalam no local e começam a consumir essa água? Um aspecto da ocupação desordenada do solo é, portanto, a pressão demográfica que se faz sobre os mananciais. É importante que se criem formas sustentáveis de utilização da água existente na região.

Decomposição de lixo e entulho

O lixo das cidades e das indústrias contamina, suja, polui as águas, tornando-as imprestáveis para o consumo humano e animal. Por falta de tratamento do lixo e dos esgotos, muitos rios brasileiros estão mortos. Muitas cidades brasileiras, sejam elas pequenas ou grandes, adotam, ainda hoje, o hábito grosseiro de lançar o lixo no rio ou em suas margens. O lixo contamina as águas superficiais e também o lençol freático.



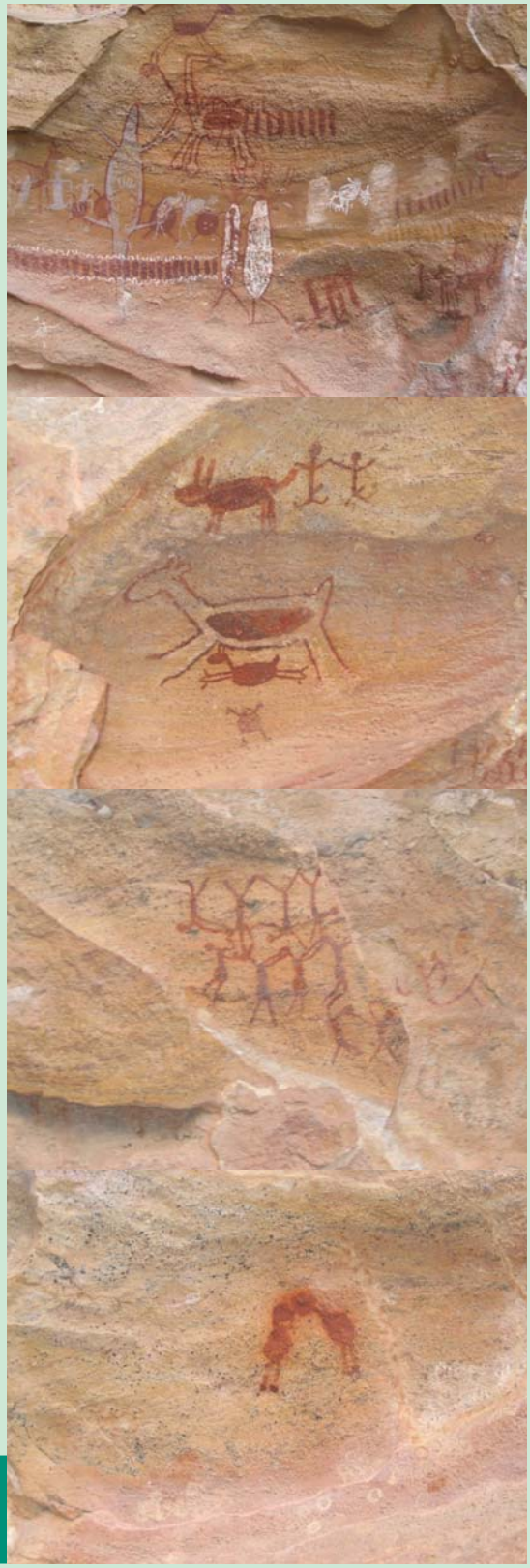
Você sabe de maus tratos cometidos contra a natureza em sua comunidade? Vamos descobrir as causas? Saiba que existem muitas formas de cuidar da natureza: uma delas é o trabalho da coleta seletiva do lixo, pois o reaproveitamento desses materiais contribui para a sustentabilidade do meio ambiente, uma vez que economiza os recursos naturais.

Formas de comunicação

A escrita

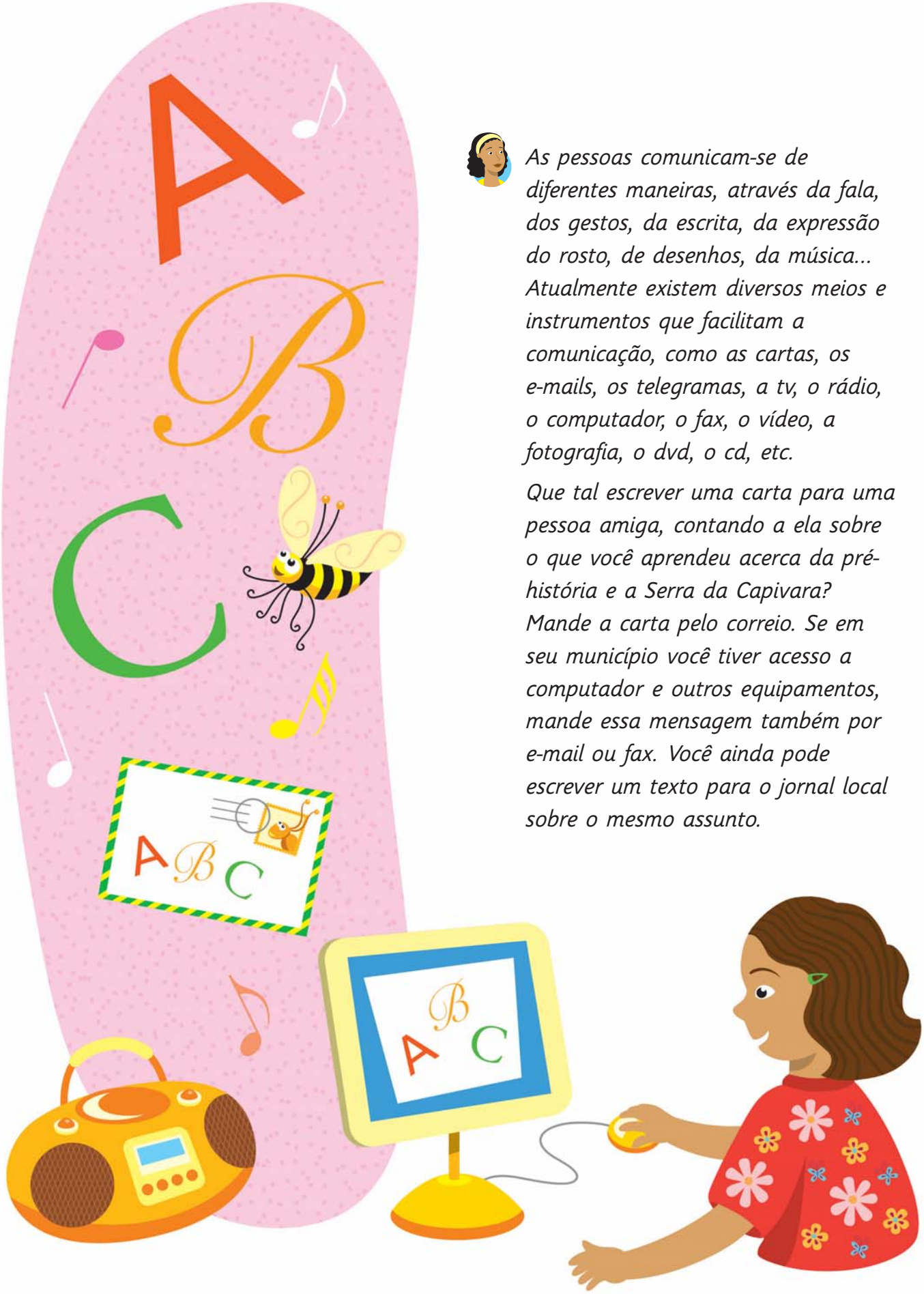
Vocês sabiam que ao longo da história, a humanidade inventou diversos sistemas de escrita, e que o nosso sistema alfabético é apenas um deles? Antigamente o nosso sistema de escrita era pictográfico, ou seja, o homem se comunicava usando desenhos que representavam ações, animais e objetos, como podemos observar nos desenhos rupestres, isto é, feitos nas paredes rochosas da Serra da Capivara, que fica no estado do Piauí.

Como vocês podem ver, as pessoas faziam desenhos para se comunicar. Aos poucos, sentindo maior necessidade de registrar sua história e de comunicar seus conhecimentos, o homem organizou cada vez mais a linguagem escrita, de forma que suas mensagens ficassem mais claras e fossem duráveis. Hoje a escrita ocidental organiza-se de forma fonográfica, silábica e alfabética, representando o som da fala.



Fotos: Cláudia Maisa A. Lins

Desenhos rupestres, Serra da Capivara



As pessoas comunicam-se de diferentes maneiras, através da fala, dos gestos, da escrita, da expressão do rosto, de desenhos, da música... Atualmente existem diversos meios e instrumentos que facilitam a comunicação, como as cartas, os e-mails, os telegramas, a tv, o rádio, o computador, o fax, o vídeo, a fotografia, o dvd, o cd, etc.

Que tal escrever uma carta para uma pessoa amiga, contando a ela sobre o que você aprendeu acerca da pré-história e a Serra da Capivara? Mande a carta pelo correio. Se em seu município você tiver acesso a computador e outros equipamentos, mande essa mensagem também por e-mail ou fax. Você ainda pode escrever um texto para o jornal local sobre o mesmo assunto.

A história do nosso dinheiro

Quando vamos fazer compras, temos que pagar pelos produtos que queremos levar. Isso porque cada produto tem um preço, um valor comercial. Esse valor está relacionado a uma moeda, em que se baseia o sistema monetário de cada país. No Brasil, a nossa moeda é o Real (R$).

O sistema monetário do Brasil já sofreu várias modificações, influenciadas pela economia nacional e mundial.

Quando os portugueses aqui chegaram, a moeda era o valioso pau-brasil, cortado e carregado pelos índios, que entregavam a preciosa madeira em troca de espelhos, miçangas, facas e outros utensílios domésticos.

No início da colonização, chegaram as moedas portuguesas e, depois, as espanholas. Com as invasões dos franceses e holandeses, vieram outras moedas européias. Apesar da variedade de moedas, elas eram insuficientes para atender às necessidades da Colônia.

Boa parte das negociações, até o século XIX, ainda era feita por meio de trocas por produtos como açúcar, algodão, couro, cacau, fumo e aguardente.

A primeira Casa da Moeda do Brasil foi inaugurada em 1694, em Salvador, para cunhar os réis portugueses, em cobre e depois em ouro, durante o reinado de D. João V (1706 – 1750), em pleno ciclo do ouro brasileiro. Em 1822, veio a independência do Brasil de Portugal, mas só no Segundo Império, o de Dom Pedro II, surgiu o primeiro sistema monetário genuinamente brasileiro. O real (réis, no plural), depois conhecido como milréis, foi a nossa moeda oficial até 1942.

Procure conversar com uma pessoa idosa da comunidade em que você vive para saber sobre as diferentes moedas que já circularam em nosso país. Muitos avós costumam guardar moedas e cédulas antigas.

A escravização

Os africanos foram trazidos para o Brasil colonial para trabalhar como escravos nas lavouras. Eles vieram para substituir os índios, que não suportavam a escravidão e não sobreviviam às doenças trazidas pelos europeus. Na África, eram capturados nas regiões onde hoje ficam a Guiné-Bissau, a Costa do Marfim, Angola e Moçambique, por tribos inimigas, que então os vendiam aos traficantes de escravos. Alguns desses prisioneiros percorriam milhares de quilômetros na selva, acorrentados, antes de embarcar. Depois de embarcados na costa ocidental africana, tinham de sobreviver à terrível viagem por mar, e chegavam por fim ao Brasil, onde eram tratados como gado e marcados a ferro. Sem nenhum direito, condenados a trabalhar sem descanso e a sofrer duríssimos castigos, muitos escravos fugiam e formavam comunidades onde viviam livres: os quilombos. Podemos citar os nomes de alguns: Tijuaçú (no município do Senhor do Bonfim - Bahia), Olho D'Água dos Pires (em Esperantina - Piauí), Laje dos Negros (em Campo Formoso - Bahia).

Naquela época, inventou-se que a raça negra era inferior e que negro não tinha alma. Os jesuítas eram indiferentes à escravidão e assim a tortura continuava. Os negros eram tratados como mercadoria e, como tal, considerados máquinas de trabalhar. Mesmo assim, contra todas essas adversidades, os escravos lutavam por manter sua cultura e sua religião, tentando conquistar sua liberdade e a de amigos e parentes e fugindo para fundar novos quilombos. Submetidos a jornadas diárias de até dezoito horas de trabalho braçal, os escravos sobreviviam cerca de dez anos. Quando morriam, eram imediatamente substituídos por outros. Era mais barato para o dono das terras comprar um africano novo do que esperar uma criança crescer para se tornar escrava.

Cangaço | Lampião

De volta à viagem de Zanza e Filó pelo Semi-Árido, o bem-te-vi Tico continuou perguntando:

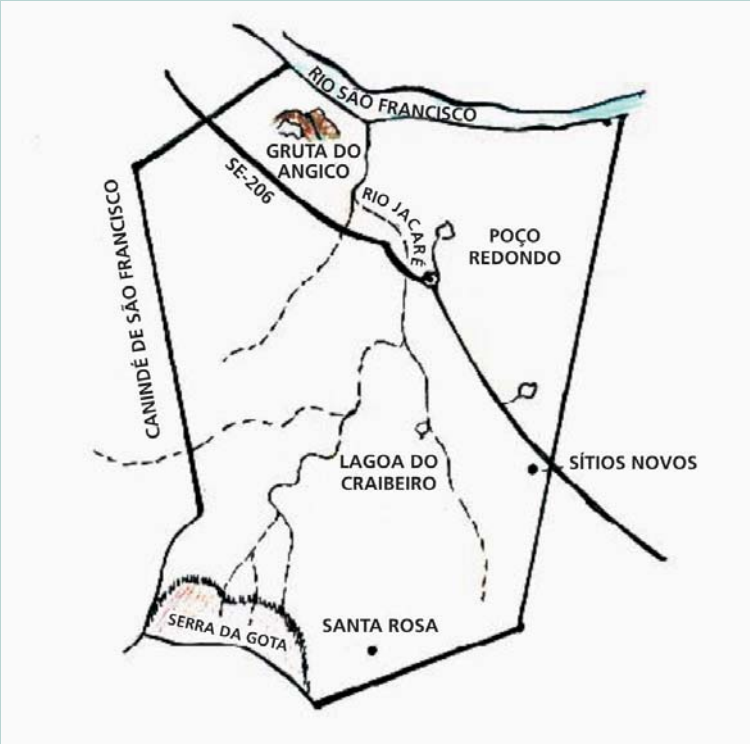
Vocês já ouviram falar em Poço Redondo? Sabiam que esse município foi um cenário importante na história de Lampião, o rei do cangaço?

Lampião!!! Cangaço!!! O que é isso?

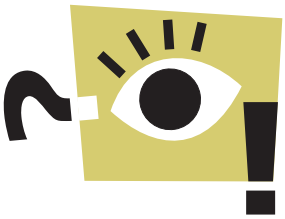
Não sabem? O cangaço surgiu a partir da metade do século XIX, na dura realidade do sertão nordestino, onde havia muita miséria e injustiça social. Naquela época, o cangaço era uma reação de certas pessoas contra uma ordem injusta, sendo relacionado ao banditismo, E o município de Poço Redondo é conhecido em todo país porque foi aqui, na gruta do Angico, que Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, lutou e morreu, combatendo as volantes da polícia que cercavam seu bando.

Cida Nunes

Gruta do Angico, local onde Lampião foi morto.



Desenho e pesquisa: Raimundo Eliete Cavalcante



E vocês, já ouviram falar em Lampião? Conversem com alguém de sua família ou com outra pessoa da comunidade e peça que lhe contem quem foi Lampião e o que era o cangaço!

LIVRO 2

A chuva e a água na Terra

Durante a longa viagem que Zanza e Filó estavam fazendo pelo Semi-Árido, à procura do formigueiro, as duas amigas fizeram várias paradas para descansar. Numa delas, sob a sombra de uma árvore frondosa, relembraram tudo o que tinham visto e aprendido. Estavam tão cansadas que tiraram uma bela soneca e, quando acordaram, perceberam que a luz cor de laranja do sol não estava tão brilhante e não fazia tanto calor. Sentiram um cheiro gostoso de terra molhada, enquanto um vento leve tirava as patas de Zanza do solo ainda ressequido. De repente, caíram do céu alguns pingos. Era a chuva! Aos poucos, a caatinga foi ficando verde e, no céu, dava para ver algumas formigas-rainhas e seus companheiros, fazendo seu vôo nupcial, para depois disso, construírem novos formigueiros. A água escorria para todos os lados.

Os fenômenos chamados El Niño e La Niña provocam diversas mudanças no tempo, como secas e enchentes, causando sérios prejuízos às pessoas, inundando casas e cidades, devastando plantações e criações. Por causa disso, muita gente fica desabrigada, tendo de se deslocar para abrigos, como escolas ou estádios, por exemplo. Vejam essas imagens de uma das enchentes de 2004, que houve em Juazeiro, Bahia.

A chuva em Juazeiro – BA
2003-2004 | 950,1 mm

Fotos: Raimundo Alves Pereira

El Niño e La Niña

El Niño e La Niña são dois fenômenos que influenciam no clima de todo o nosso planeta. El Niño é o nome que se dá ao aquecimento, o aumento da temperatura das águas superficiais do Oceano Pacífico, que provoca mudanças nas correntezas, no nível do mar, fazendo o tempo mudar em várias partes do mundo. Algumas regiões ficam mais quentes, outras mais chuvosas, outras ainda mais secas, ocorrem enchentes em alguns lugares e escassez de chuvas em outros.

La Niña, ao contrário, é o resfriamento das águas superficiais do Oceano Pacífico, que provoca variações no sistema climático da Terra, causando também secas, enchentes, chuvas, aumento de temperatura em todo o mundo.

Respeitando as diferenças

Débora foi para a escola e lá encontrou uma colega nova, chamada Carol. Ela falava diferente das outras crianças, sempre usando gestos. Poucas pessoas a entendiam. Até a professora ficava perdida. Foi aí que Débora se lembrou de Anita, personagem da história de Zanza e Filó, e das coisas que aprendeu sobre a linguagem de sinais. Pegou rapidamente seu livrinho e começou a treinar algumas palavras para se comunicar com Carol. Isso despertou a curiosidade da professora e de alguns colegas. Daí por diante, todos se empenharam para aprender a linguagem dos sinais.

Brincar

Gostar

Você

Ajudar

Bom dia

Feliz

Boa tarde

Boa noite

Mãe

Brinquedos e brincadeiras

Oi pessoal! Depois de tanto estudar, agora eu quero é brincar bastante para relaxar. Adoro brincar de gangorra e de outras coisas, como ***caco de telha, bola, grilo, corda, elástico, esconde-esconde, amarelinha...***

Sabem como é que se brinca de **caco de telha**? É assim:

Divida a turma em dois times. Pegue 7 pedaços de telha e faça uma pilha com eles. Um time fica de um lado e outro, de outro. Um time joga a bola para atingir os cacos. Enquanto o time que derrubou os cacos tenta empilhá-los novamente, o outro time corre para pegar a bola e acertar com ela a pessoa do outro time, antes dela conseguir organizar os cacos. Ganha o time mais ágil.

E a brincadeira do **boto**, vocês conhecem? Talvez vocês a conheçam por outro nome!Dá para brincar com muita gente, umas dez pessoas. Uma pessoa é que vai atrás das outras, tentando triscar. A pessoa que é triscada, passa a ser o **boto**.

E vocês, brincam de quê? Queria tanto conhecer algumas das brincadeiras de vocês! Vamos fazer painéis e álbuns registrando as brincadeiras e brinquedos de nossa comunidade?

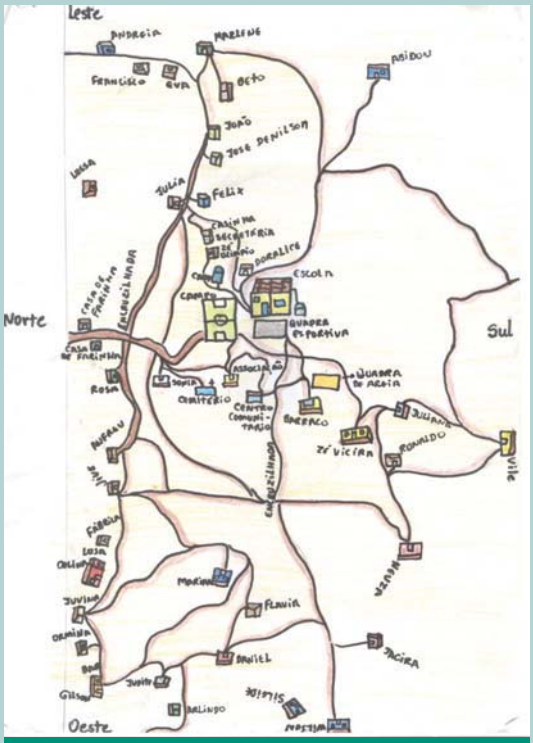
Eu e meus amigos também gostamos muito de cantar. Vocês conhecem estas músicas?

O Cravo brigou com a Rosa
Debaixo de uma sacada
O Cravo saiu ferido
E a Rosa despedaçada
O Cravo ficou doente
A Rosa foi visitar
O Cravo deu desmaio
A Rosa pôs-se a chorar.

Fui no Itororó
Beber água e não achei
Achei bela morena
Que no Itororó deixei
Aproveita minha gente que
uma noite não é nada
Quem não dormir agora
dormirá de madrugada
Ó dona Maria
Ó Mariazinha
Entrarás na roda
Ou ficarás sozinha
Sozinha eu não fico
Nem hei de ficar
Por que tenho Pedro
Para ser meu par

Débora conta sua história

Turma, este é meu amigo Tiziu, um colega de sala. Deixem eu contar uma coisa pra vocês! Estamos fazendo uma atividade bem legal, proposta pela professora. Cada um vai contar e escrever sua própria história. O maior barato! Eu, vocês já sabem, sou Débora, tenho 10 anos, estou cursando a 4ª série e nasci na Fazenda Brandão, que fica no município de Curaçá, Bahia



Mapa da fazenda Brandão - Curaçá - Bahia

Desenhos: Solange, Silene e Josimara - Escola Macário Vieira de Carvalho

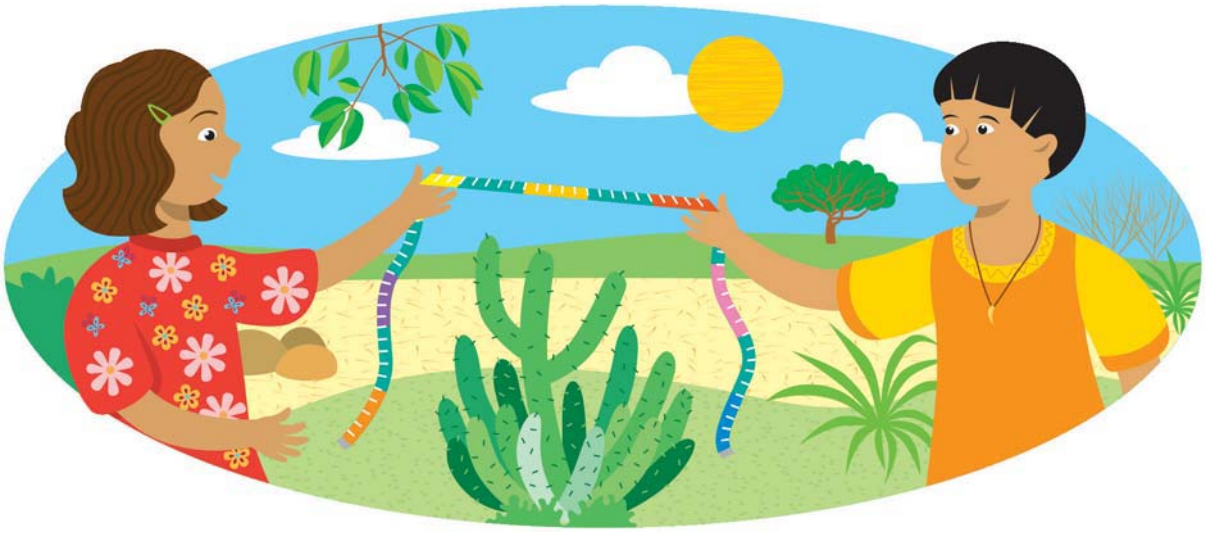
Você sabe quanto é uma légua, Tiziu? – perguntou Débora.

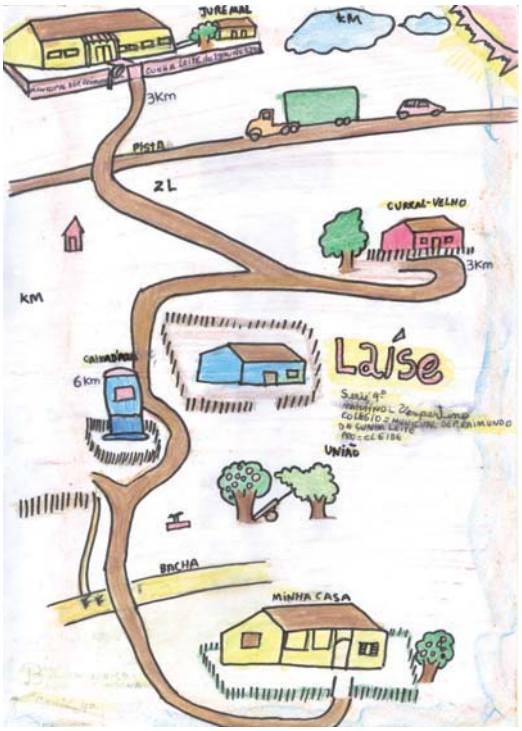
Para medir algumas distâncias, utilizamos o sistema de medidas m (metro).

Uma légua mede seis quilômetros e um quilômetro mil metros!

1 metro tem 100 centímetros (cm), que correspondem a mil milímetros (mm). Um centímetro tem dez milímetros.

Se multiplicarmos 1m por 1.000, temos 1.000 metros, que correspondem a 1quilômetro (km). Viu como eu sou sabida?





Desenho: Laíse, 4ª série, Colégio Municipal Dep. Raimundo da Cunha Leite

Observe o mapa ao lado, que representa o percurso que uma criança faz de casa para a escola:

A casa dela fica numa fazenda a alguns quilômetros da escola.

a) Quantos quilômetros tem da casa dela até a caixa d'água?

b) Quantos quilômetros tem da casa dela até a comunidade de Curral Velho? A quanto corresponde em metros?

c) E de Curral Velho para a escola, quantos quilômetros há?

d) Qual o total de metros que tem da casa dela até a escola? A quanto essa medida corresponde, em léguas?

A história do indiozinho Tiziu

Nossa, Tiziu, agora eu quero saber qual é a sua história.

Eu já apresentei lá na escola!

Eu nem vi sua apresentação, faltei naquele dia. Você pode me contar?

Bem, Débora, eu sou de origem indígena. Morava na antiga Rodelas e, com a construção da Barragem de Itaparica, todo o meu povo foi retirado de lá, indo viver na nova Rodelas, construída porque a velha cidade ficou submersa nas águas do São Francisco. Sofremos muito com isso, porque vivíamos da pesca e da agricultura. No lugar onde a CHESF nos colocou, o solo não é apropriado para a agricultura, pois tem muita pedra. Ficamos até perto do rio, só que em uma região onde também não é possível pescar. Mesmo assim, passamos a plantar com sistema de irrigação implantado pela CHESF e a receber a VMT (verba de manutenção temporária), até que as terras produzissem. Nossa luta para conseguirmos outro espaço onde a terra seja melhor para a agricultura continua até hoje. Fui para a nova Rodelas quando tinha 7 anos. Antes a gente vivia numa ilha chamada Ilha da Viúva, onde a maioria dos índios

De volta ao formigueiro

Zanza e Filó estavam muito cansadas da viagem. Nesse dia, o sol estava bem quente e o céu bem azul, quase sem nuvens. Por isso, as duas andavam devagar. Foi quando, de repente, Filó falou:

Zanza, veja só, ali, aquele formigueiro! Não é o seu?

É mesmo! Está parecendo! Vamos chegar mais perto pra ver?

As duas esqueceram o cansaço e apressaram os passos.
Zanza começou a observar o espaço geográfico e a reconhecer algumas coisas do lugar, que realmente não lhe era estranho. Viu um riachinho que tinha perto do formigueiro, com uma caraibeira na margem. E foi vendo outras coisas também: uma casa, um roçado.... Era mesmo o seu formigueiro. Para confirmar, era só chegar mais perto para ver se eram as suas companheiras. Quando Zanza chegou mais perto, reconheceu tudo. Aquele era realmente o seu formigueiro. Aí foi um alvoroço. Quem a encontrava, falava bem alto:

Gente é Zanza! É Zanza! Ela voltou! Zanza voltou!

E foi aquela festa no formigueiro!
No correr dos dias que se seguiram Zanza passou a contar as coisas da viagem para todas as formigas.

"Mais coisas sobre nós mesmos nos ensina a terra que todos os livros. Porque nos oferece resistência. Ao se medir com um obstáculo o homem aprende a se conhecer..."

Saint-Exupéry